



**resenha**

**tríade**  
comunicação, cultura e mídia

## “Antropologia da Imagem. Para uma ciência da imagem”, de Hans Belting

Rodolfo Medeiros Schian

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC-SP, Programa de Pós-Graduação em Antropologia, São Paulo, Brasil. Contato com o autor: [rodolfo.schian@prof.uniso.br](mailto:rodolfo.schian@prof.uniso.br)



O livro “Antropologia da Imagem. Para uma ciência da imagem”, de Hans Belting, cujo título original é “Bild-Anthropologie”, ainda não foi publicado no Brasil. Mas felizmente, desde 2014, contamos uma tradução para o português de Artur Morão pela Editora KKYM+EAUM.

Não se trata de uma obra polêmica em si, apesar de ter causado discussões nas áreas de concentração de estudo das ciências sociais e da história da arte quando foi publicado pela primeira vez em 2001. É uma obra de um pensamento inovador e até mesmo revolucionário, entretanto não aponta a um objeto novo, mas traz ao centro da sociedade um antigo conhecido, a imagem, principalmente a imagem do corpo.

Seu questionamento sobre o que é uma imagem é realizado através da antropologia. Pois na compreensão deste autor somente através desta área, deste campo de estudo, compreendemos um objeto, no caso a imagem, que é determinado culturalmente e que pode elucidar grandes questões da humanidade, a exemplo da própria existência.

O primeiro capítulo que é a introdução do livro, é intitulada “Uma Nova Introdução”, que foi escrita pelo autor a partir da edição em inglês, de 2011, já elucida claramente a distinção entre meio e imagem. Uma distinção realizada com primazia através da exemplificação da iconoclastia. O segundo capítulo “Meio, Imagem, Corpo – Uma introdução ao tema” é um exercício de teoria, que foi elaborado em 2001 para ser a diretriz do grupo de investigação “Imagem, meio e corpo”, um grupo multidisciplinar do Centro para Arte e Tecnologia dos Media, de Karlsruhe na Alemanha. No terceiro capítulo “O Lugar das Imagens – Um ensaio antropológico” é discutido o corpo humano nas suas capacidades de memória, de sonho e imaginação. O próprio meio vivo das imagens.

Tanto a introdução, quanto o segundo e o terceiro capítulo são de extrema importância para compreender o desenvolvimento do livro, já que os outros capítulos são estudos de casos deste levantamento teórico e podem ser lidos de forma independente e não sequencial.

No quarto capítulo “A Imagem do Corpo como Imagem do Homem – Uma representação em crise”, trata da crise com o próprio corpo natural, da imagem do homem e a imagem do corpo estão em uma intrínseca relação. O quinto capítulo “Brasão e Retrato” faz uma análise da constituição do retrato humano. O sexto capítulo “Imagem e Morte – A corporalização nas primeiras culturas” parte da concepção fúnebre para descrever o início da figuração humana. No sétimo capítulo “Imagem e Sombras – Da teoria da imagem em Dante à teoria da arte” faz um estudo aprofundado na teoria pictórica de Dante. Já no oitavo capítulo “A Transparência do Meio – A imagem fotográfica”, somos jogados a repensar o fazer imagem na contemporaneidade. Um capítulo voltado totalmente para a imagem fotográfica, tanto na sua utilização social quanto particular, e remontando a longa história do fazer imagem até a grande invenção deste meio, a fotografia.

O livro toma como posição um conceito de imagem através da abordagem antropológica. No sentido de que vivemos e compreendemos o mundo com e através de imagens. O que leva a uma compreensão interdisciplinar da imagem. Sendo que a própria imagem também tem um tempo próprio, diferente dos modelos evolutivos da história.

Utiliza o termo antropologia, no significado amplo da “antropologia cultural” inglesa, envolvendo a definição kantiana de ser humano e natureza humana. E para compreender o termo, o conceito de imagem, sem cair na armadilha de negar o desenvolvimento humano, se faz necessário atribuir a antropologia cultural uma antropologia histórica. Estudando o passado sem negar os artefatos e produções do presente. A ideia de espelho: do ser, do corpo, procurando eternizar sua imagem em algum suporte material. A imagem do homem e a imagem do corpo estão em uma intrínseca relação.

Tem como objetivo responder à configuração de Jean-Pierre Vernant, propondo uma inter-relação entre a imagem, corpo e meio “como componentes de toda e qualquer tentativa de figuração”. Precisa responder ao fenômeno imagem, que ocorre entre os meios e o corpo (considerado o lugar vital das imagens).

Hans Belting percebe nas imagens fúnebres o conteúdo e/ou sentido da produção inicial da imagem pelo ser humano. Na relação entre o corpo e o meio, e que as imagens se fazem para ocupar o lugar do corpo que já não tem mais vida (do defunto). Surge então um corpo artificial, denominado de “meio” (que pode ser tanto material quanto imaterial), uma corporalização que adquire visibilidade. O corpo que antes era físico agora é corpo virtual da imagem. Logo a imagem não é o corpo visível e sim o seu significado.

Compreendendo que o ser humano não é somente um ser biológico e sim um ser cultural, o corpo é o “lugar”, onde se produzem, conhecem e se reconhecem as imagens. Um corpo que permeia o mundo exterior e suas imagens imaginais e a memória com suas imagens rememoradas (de nossas experiências).

Não é somente o corpo o lugar das imagens, mas também existem lugares espaciais/geográficos das imagens, logo a sua aura é tanto corporal quanto local. Na modernidade denominamos os museus como os lugares da arte, o que contemporaneamente substituímos pelo “ecrã”, por uma virtualidade que transcende o próprio, ser, o meio e a imagem, a própria experiência. Ou seria tão somente um novo meio?

Além das grandes contribuições de situar a imagem como um objeto antropológico, de demonstrar a intrínseca relação entre corpo-meio-imagem, e dos motivos pela humanidade produzir imagens, fala da emergência de uma nova história da arte na perspectiva imagética e posterior a invenção da fotografia, que só é possível a luz de uma teoria bem desenvolvida dos meios.

Para elucidar todos estes questionamentos a obra atravessa diversos assuntos, dos brasões, as representações imagéticas funerárias, as máscaras, pintura de retrato, a teoria da sombra em Dante, as imagens digitais, a fotografia. Um livro que revoluciona e nos convida a refletir sobre uma nova teoria da imagem, do meio e até mesmo uma nova história. Da mesma forma que a fotografia deseja revelar suas imagens, Hans Belting, quer revelar o verdadeiro ser humano.

Belting com “Antropologia da Imagem” é a luz para compreensão das imagens, por isso merece um posto ao lado dos grandes pensadores (que ele complementa) Walter Benjamin e

Aby Warburg.

Trata-se de uma obra obrigatória não só para quem deseja estudar as imagens, a fotografia, mas também para quem deseja abrir seus olhos para a verdadeira significação imagética do mundo.

Hans Belting (1935) é um historiador de arte alemão, reconhecido pelo desenvolvimento da teoria da imagem e da arte, também pelos seus estudos em arte medieval, renascentista e do período da Reforma. Professor Jubilado pela Hochschule für Gestaltung de Karlsruhe, na Alemanha. Lugar que criou o projeto interdisciplinar de investigação “Antropologia da imagem: meio-imagem-corpo”. É autor de uma vasta obra entre livros e ensaios, principalmente na língua alemã, tendo alguns títulos na língua portuguesa: O Fim da História da Arte (1995); A Verdadeira Imagem (2011); No crepúsculo do modernismo. Arte e teoria da arte em competição (2011); A exposição de culturas (2011) e; Sísifo ou Prometeu? Da arte e da tecnologia, hoje.